

Inteligibilidade

JENIFFER IMAREGNA ALCANTARA DE ALBUQUERQUE
MARCIA REGINA BECKER

1. O QUE É E POR QUE ESTUDAR INTELIGIBILIDADE?

Quando observamos interações orais entre duas ou mais pessoas que não se conhecem, é comum que nossa atenção se volte para o modo como os participantes do diálogo produzem sua fala e, complementarmente, passam a compreender a do outro. O movimento comunicacional realizado por falantes e ouvintes pode ser entendido como um cíclico processo de construção de sentidos, de rotas de compreensão. É possível dizer que ao longo de nossas vidas enquanto aprendizes, tanto de nossa língua materna quanto de uma língua não nativa, que doravante chamaremos L2¹, exercitamos a capacidade/habilidade de compreender diferentes falantes, em contextos bastante distintos. Ao passo que expandimos os nossos processos de compreensão, criamos rotas cognitivas para entender outras pessoas e, em contrapartida, para sermos compreendidos. Tal processo de tentativa mútua - falante e ouvinte - de intercompreensão constitui a busca pela inteligibilidade.

1 Apesar das diferenças terminológicas, para efeitos deste capítulo, os termos 'Língua Não Nativa', 'Língua Estrangeira', 'Segunda Língua' e 'Língua Adicional' serão utilizados intercambiavelmente, sendo utilizada a sigla 'L2'.

Os estudos de inteligibilidade² são mais antigos do que parecem. Desde o final da década de 40, as pesquisas em pronúncia de L2s passam a discutir os processos de produção e compreensão entre falantes nativos e não nativos. A grande problematização gira em torno da necessidade de aprendizes não nativos serem acurados (possuir uma pronúncia a mais próxima possível daquela de um falante nativo) ou inteligíveis (passíveis de compreensão, mantendo seu sotaque e marcas de identidade). No final da década de 40, Abercrombie (1949: 1204) já defendia a importância de os aprendizes possuírem uma “pronúncia confortavelmente inteligível”, ou seja, no ato conversacional não seria necessário que os aprendizes estrangeiros produzissem sequências sonoras idênticas às de falantes nativos daquela língua, desde que fossem inteligíveis. No entanto, é apenas a partir da década de 80 que a noção de inteligibilidade é retomada e discutida com maior profundidade, tanto no processo de elaboração de cursos de L2s, como nos materiais didáticos.

Autores como Tracey Derwing e Murray Munro possuem uma agenda de pesquisa em inteligibilidade bastante extensa, contribuindo com discussões sobre como a língua inglesa é compreendida por falantes de diferentes línguas maternas, o papel da experiência com outras línguas na compreensão da fala, a influência da idade com a qual se começa a aprender uma outra língua, etc. Entre as possíveis definições para o construto de inteligibilidade, a oferecida pelos autores é uma das mais difundidas até hoje, passando por várias adaptações ao longo dos anos, conforme discute

2 Chamamos atenção para a existência de outros termos que estão relacionados com o construto de inteligibilidade, como ‘interpretabilidade’, ‘aceitabilidade’, ‘compreensibilidade’, entre outros (para um panorama dos termos, ver Cruz 2007; Albuquerque 2019). Ressalte-se o fato de que não apenas os nomes, mas também as definições que acompanham os termos variam de acordo com o autor/pesquisador. Para uma definição conceitual e metodológica de outros construtos associados ao da inteligibilidade, ver Munro e Derwing (2015).

Albuquerque (2019). Os autores conceituam inteligibilidade como “a extensão na qual as percepções dos ouvintes se alinham com as intenções dos falantes (o entendimento de fato)” (Munro & Derwing 2015: 14). Nesse sentido, o ato de compreender e ser compreendido está atrelado ao processo de sintonizar o sentido pretendido pelo falante. Uma das implicações de tal definição, segundo os autores, é a de que a inteligibilidade seria uma habilidade compartilhada entre falante e ouvinte, ou seja, existe uma responsabilidade comunicacional de ambos para que a comunicação seja efetiva. Atrelado ao construto de inteligibilidade, existem outros como o da compreensibilidade. Embora não seja o foco deste texto discutir tal construto, chamamos a atenção para o fato de ele ser apresentado por Tracey Derwing e Murray Munro como “o grau de dificuldade experienciada pelo ouvinte na compreensão da fala” (Munro & Derwing 2015: 14). Segundo os autores, a compreensibilidade pode ser vista como uma medida mais subjetiva de ‘compreensão’, sendo considerada, ao mesmo tempo, independente, mas complementar ao construto da inteligibilidade. Conforme mencionam Munro e Derwing (2015), diversos estudos optam por pesquisar ambos os construtos, uma vez que eles podem dar acesso a uma visão mais ampla do fenômeno de compreensão ao recuperarem aspectos pontuais e impressões gerais dos enunciados produzidos. Assim, cabe ao pesquisador optar por testá-los individual ou conjuntamente.

Ao longo deste breve panorama acerca dos diversos conceitos atrelados ao da inteligibilidade, notamos que o termo ‘compreensão’ aparece como uma noção bastante geral dos sentidos negociados entre falantes e ouvintes. Há alguma dificuldade em se estabelecer a distinção entre termos como ‘entender’, ‘interpretar’, ‘perceber’, ‘compreender’, como aponta Schwartzaupt (2015). Ainda, segundo o autor, a definição do construto é bastante variável, ao passo que ela pode passar por alterações conceituais a depender de como é

mensurado. Entre tantas possibilidades de definição e testagem do construto, então por que estudá-lo?

Há muito tempo, escutamos que “vivemos em um mundo globalizado”, mas talvez o sentido mais específico de ser um cidadão nesse mundo não seja claro à primeira vista. Um exemplo prático seria pensar no processo de expansão da língua inglesa. Hoje, ao redor do mundo, o número de falantes não nativos de inglês supera o de nativos. Nesse sentido, como se adequar à diversidade de falares em inglês? Isso depende muito de com quem interagimos e em quais contextos. Ao nos lançarmos no processo de desenvolvimento de outra língua, podemos ter como norte de nosso aprendizado a necessidade de sermos expostos a uma maior variedade de sotaques e situações comunicativas. É possível dizer que sempre haverá algum esforço de nossa parte em tentar ser inteligível. Um dos caminhos possíveis para entendermos como podemos/temos que adequar nossa fala ao “ouvido” do nosso interlocutor é pela lente da inteligibilidade.

Em um contexto escolar, a partir do viés da inteligibilidade, ambos, professor e aluno, podem melhor entender as dificuldades de se aprenderem determinadas sequências sonoras e optar por priorizar o ensino-aprendizagem dessas. Por exemplo, a partir da reflexão sobre quais aspectos seriam mais difíceis para um aluno brasileiro ser compreendido em inglês, o professor pode trabalhar com o ensino-aprendizagem implícito (trazendo aspectos de produção e compreensão de sons junto com outras atividades de leitura e/ou produção oral) e explícito (realizando exercícios e orientações específicas sobre as características de produção de determinadas sequências sonoras) do inglês ou outras L2s. Além de aprender a priorizar o que pode gerar um maior peso nas comunicações entre diferentes tipos de falantes, a lente da inteligibilidade pode auxiliar na identificação de onde estariam as “falhas de comunicação”

e na resolução dos problemas de compreensão. Por fim, na busca por uma identidade de falante estrangeiro de uma L2, o aprendiz pode encontrar na definição de inteligibilidade a possibilidade de uma identidade múltipla e complexa, ou seja, na qual se mantém a identidade enquanto falante de sua língua materna e se adiciona um novo idioma ao seu repertório linguístico.

Até o momento, procuramos aproximar o pesquisador da definição do construto de inteligibilidade e gerar interesse sobre as possibilidades de elaboração de estudos que olhem para a produção e percepção de fala estrangeira a partir dessa lente. Assim, como próximo passo de nossa jornada, na seção seguinte você irá compreender um pouco mais sobre as principais questões de pesquisa em inteligibilidade e como pode iniciar seus próprios estudos na área.

2. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS QUESTÕES DE PESQUISA EM INTELEGIBILIDADE?

Apesar da complexidade do construto ‘inteligibilidade’, é inegável também que o seu significado pode até nos ser dado pelo senso comum, isto é, o que é inteligível é o que é compreendido bem. Assim como Abercrombie (1949) falava em pronúncia “confortavelmente inteligível”, Kenworthy (1987), além de pontuar a importância dos papéis dos interlocutores participantes do ato comunicativo, também mostrava que era preciso ter como objetivo algo “suficientemente próximo” daquele enunciado que se pretendia. A partir dessas considerações bastante “senso comum”, partamos, então, para algumas outras importantes e que precisam ser consideradas.

A inteligibilidade ligada à oralidade – objeto deste capítulo – pressupõe a existência de participantes numa interação, no míni-

mo de um falante e de um ouvinte, sendo que cada um deles irá imprimir suas características às informações que são produzidas e percebidas no ato conversacional. Como bem pontua Berns (2008: 329), “a comunicação é uma via de mão dupla [...]. Cada um [falante e ouvinte] carrega a responsabilidade de ser entendido; cada um deve fazer um esforço para entender.” Não há consenso sobre quais são os traços de pronúncia que possam ser considerados fundamentais para a inteligibilidade, ainda levando-se em consideração que eles variarão de acordo com o par de línguas maternas dos falantes/ouvintes em interação.

Assim como a proficiência na língua utilizada no ato comunicativo é importante, as características particulares do idioleto³ do falante também são. Uma fala muito rápida ou cheia de pausas, hesitações, autocorreções e consequentes reestruturações gramaticais tende a dificultar a inteligibilidade. Além disso, precisamos considerar se o ouvinte está ou não familiarizado com esse idioleto do falante e/ou com o assunto sobre o qual está se falando. Também, quando falamos em análises de inteligibilidade, usualmente consideramos falantes que tenham diferentes L1s (língua primeira do falante), e estejam se comunicando numa L2. Então, temos ainda que considerar o que Bent e Bradlow (2003) chamaram de “benefício da inteligibilidade da fala entre interlínguas similares”, pois “parece razoável assumir que o nível de compatibilidade entre a L1 e a L2 faladas por um bilíngue vai provavelmente afetar a precisão com que ele pronuncia a L2” (Piske; Flege & Mackay 2000: 290). Na verdade, tal nível afeta também a percepção, pois, da parte do ouvinte, um dos fatores importantes a serem considerados seria a familiaridade desse ouvinte com o ‘sotaque’ estrangeiro que na maioria das vezes aparecerá.

3 Idioleto é o sistema linguístico de um falante individualmente. Seria o ‘dialeto pessoal’ do falante.

Muitas são, portanto, as variáveis com que se depara o pesquisador. A partir da descrição de algumas das principais questões de pesquisa em inteligibilidade, procuramos reiterar a complexidade desse construto a partir de aspectos trazidos pela literatura como prioritários. Na sequência, passamos à exemplificação de como você pode elaborar um experimento de inteligibilidade, utilizando a definição e aspectos previamente discutidos nas seções 1 e 2 deste capítulo.

3. COMO PLANEJAR UM EXPERIMENTO DE INTELIGIBILIDADE?

Avaliar a inteligibilidade de um enunciado ou de uma palavra isolada – dependendo do que o pesquisador propõe – parte do pressuposto de que se necessita decidir qual definição do construto será adotada. Para fins de exemplificar algumas das possibilidades metodológicas a serem implementadas, partimos da definição proposta por Munro e Derwing (2015), apresentada na seção 1 deste texto.

Um teste de inteligibilidade bastante simples caracteriza-se por pedir para alguém (que terá o papel de falante e/ou locutor do estudo) falar – ou ler – um conjunto de palavras ou enunciados e solicitar a outra pessoa (que terá o papel de ouvinte) para ouvir e depois dizer se entendeu ou não o que foi dito, e/ou repetir ou transcrever partes do excerto produzido. Porém, como vimos, tantos são os fatores ou variáveis que podem afetar os resultados que, quando se pretende que esses possam ser utilizados para gerar generalizações sobre determinado ponto (seja segmental ou suprasegmental⁴), essas variáveis precisam estar mais bem definidas.

4 Segmento é uma unidade discreta do sistema de sons de uma determinada língua, geralmente classificado como uma vogal ou consoante, em contraposição ao suprasegmento, em que certas características se estendem para mais de um segmento (como a entonação).

Assim, passamos a descrever um passo a passo (entendendo que poderiam existir outras possibilidades) de planejamento para um estudo de inteligibilidade.

A definição do *corpus* é fundamental e está atrelada ao que o pesquisador quer/precisa pesquisar. Seja qual for a língua, precisa-se levar em consideração a frequência de uso das palavras que serão utilizadas, pois “palavras de alta frequência são reconhecidas mais rapidamente, com menor *input* sensorial, e com menor interferência de seus vizinhos do que palavras de baixa frequência” (Jurafski 2003:62). De acordo com o modelo de Fonologia de Uso, proposto por Bybee (2007), o entendimento tanto da estrutura quanto do uso da língua é realçado pelo fato de que a memória linguística é afetada pelo próprio uso que se faz da língua, isto é, a frequência de uso de item. Becker e Kluge (2015), em experimentos de inteligibilidade com a língua inglesa, comprovaram que aspectos relacionados à frequência de uso de item tiveram papel determinante na inteligibilidade: palavras pouco frequentes foram também pouco inteligíveis. Para controlar a frequência de uso de palavras em seu *corpus*, você pode realizar levantamentos em *corpora* diversos, alguns deles de acesso livre. No caso da língua inglesa, dois dos bastante usados por pesquisadores são o COCA⁵ (*Corpus of Contemporary American English*), de base tanto oral quanto escrita, e o BNC⁶ (*British National Corpus*), de base majoritariamente escrita; no caso do português brasileiro, o COMET-USP⁷ contém links para diversos *corpora*.

Uma vez definidos os sons, palavras e/ou enunciados que trazem os aspectos a serem analisados, há a necessidade de se decidir o instrumento/tarefa utilizada: se a produção da amostra

5 Disponível em: <http://www.wordfrequency.info/>.

6 Disponível em: <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>.

7 Disponível em: <http://comet.fflch.usp.br/corporaportugues>.

que terá a inteligibilidade avaliada ocorrerá através de leitura de um texto pré-definido ou da fala espontânea. No primeiro tipo de tarefa, cada palavra pode aparecer dentro de uma frase-veículo ou de um texto. Nas frases-veículo, as palavras estão inseridas dentro de enunciados padronizados do tipo 'I say_____ to you', em inglês, ou 'Digo _____ para você', em português brasileiro. No segundo tipo de tarefa, a que envolve fala espontânea, o falante é convidado a produzir enunciados a partir de temas geradores de conversa. Cada tipo de tarefa traz prós e contras. No caso de tarefas que demandem a leitura de excertos, precisa ser verificado se o leitor tem domínio, inicialmente, da habilidade de leitura na língua, e a possibilidade de influência entre escrita e fala, gerando o que a literatura descreve como *spelling pronunciation*. Para evitar a influência da grafia ou mesmo do registro escrito, de modo geral, nos dados orais, diversas pesquisas em inteligibilidade de fala optam por utilizar imagens. Tais elementos visuais podem formar um conjunto de palavras ou situações a serem descritas. A partir da descrição produzida pelos falantes, os pesquisadores recortam e editam os enunciados produzidos. Um exemplo de conjunto de imagens utilizado nas pesquisas em inteligibilidade é a narrativa desenvolvida por Derwing *et al.* (2009): *Suitcase Story*⁸. No caso da fala espontânea, o informante pode não desenvolver o tópico com amostras razoáveis de características que se queiram avaliar. Por conta desses fatores, usualmente a leitura é a escolhida. Chamamos a atenção, mais uma vez, que a seleção do pesquisador por um ou outro sistema de

8 Tal ferramenta é formada de imagens, com uma ordem fixa de acontecimentos, a qual deve ser narrada pelos falantes. A narrativa se baseia em um homem e uma mulher, ambos carregando malas idênticas; os dois personagens caminham por uma rua e acabam por esbarrar um no outro em uma esquina, derrubando suas malas. Somente mais tarde no mesmo dia, quando eles estão desfazendo as malas, percebem que trocaram as malas.

coleta de dados está intimamente associada aos objetivos do seu estudo e teorias adotadas.

Depois que o *corpus* e o instrumento/tarefa foram selecionados ou elaborados, é importante pensar nos participantes do estudo (falantes e ouvintes). Conforme foi comentado na seção 2 deste texto, estabelecer o perfil dos participantes do estudo é fundamental, uma vez que aspectos como proficiência e familiaridade podem ser variáveis relevantes para a análise. Por exemplo, se analisarmos a inteligibilidade da língua inglesa sob o paradigma de língua franca, precisamos dispor de informantes que falem a língua inglesa (o grau de proficiência também precisa ser levado em consideração, e talvez esteja relacionado ao seu objetivo de pesquisa), e que sejam de diversos países, isto é, tenham L1s diversas. Em caso de dificuldade na seleção de informantes, pode-se lançar mão de amostras que são encontradas em *corpora* já prontos, de falantes de diversas nacionalidades, que produziram excertos a partir de leitura ou fala espontânea. Logicamente, nesse caso, o pesquisador precisará se adaptar ao que já foi produzido e terá um domínio muito mais limitado sobre o processo de produção. No caso da língua inglesa, é muito mais fácil de se conseguir essas amostras. O *Speech Accent Archive*⁹ (Weinberger 2015), da *George Mason University*, por exemplo, é um *corpus* de língua inglesa tomada sob a perspectiva de língua franca. Outra possibilidade é o IDEA¹⁰ - *International Dialects of English Archive* (2020). Esses dois são voltados especificamente para as questões fonéticas e fonológicas, mas podem-se utilizar diversos outros repositórios, como depoimentos de imigrantes que são encontrados no site *Suitcase Stories* (2020).

9 Disponível em: <http://accent.gmu.edu>.

10 Disponível em: <https://www.dialectsarchive.com/>.

Se a amostra da fala já está definida, a próxima etapa pode ser a definição de como será o teste de percepção da inteligibilidade. Usualmente, esses testes solicitam uma transcrição ortográfica do(s) ouvinte(s) (como se o que foi falado/gravado está sendo ditado aos ouvintes; para isso, os enunciados produzidos precisam passar por um processo de edição que balanceará o número de palavras por excerto, para que não haja sobrecarga na memória do ouvinte e o resultado seja prejudicado). Em relação à análise dos resultados, o pesquisador pode optar por contabilizar o número total de palavras que os ouvintes transcreveram corretamente ou a partir do total de palavras-chave reconhecidas, como, por exemplo, considerar apenas palavras de conteúdo, e não as funcionais (Becker 2013). Há ainda a possibilidade de se dar uma nota para a inteligibilidade, baseada em uma escala *Likert*, assim como é usualmente feito na avaliação de outras dimensões da pronúncia como a compreensibilidade e o sotaque, porém essa é uma alternativa menos comum. A escala *Likert* é um modo de mensuração numérica, a partir da qual o pesquisador pode ter acesso a um dado de natureza mais subjetiva, ou seja, uma impressão do ouvinte sobre a produção do falante. Ela pode ter diversas magnitudes, variar de 1 a 5, 1 a 9¹¹, etc. É possível também a combinação das duas formas: transcrição e pontuação na escala *Likert*. Existem ainda ferramentas desenvolvidas por pesquisadores que auxiliam sobremaneira a avaliação da inteligibilidade, como o Aplicativo para Estudos de Percepção e Inteligibilidade (AEPI), desenvolvido por Bondaruk, Albuquerque e Alves (2018).

Um fator que também precisa ser analisado com cuidado e que varia com o objetivo da pesquisa é relativo ao número de informantes envolvidos no experimento, que é diretamente proporcional ao

11 No modelo proposto por Munro e Derwing (2015), para o construto de compreensibilidade, a escala se inicia em 1= muito fácil de compreender e vai até 9= extremamente difícil de compreender.

número de itens que serão analisados (mais informantes gerarão um maior volume de dados). O histórico de experiências vividas pelos participantes também pode alterar os resultados (por exemplo, se para alguns casos é interessante que o ouvinte tenha algum conhecimento na área de fonética, em outros o ideal poderia ser se utilizar de pessoas sem qualquer treino nessa área ou que sequer tenham maiores contatos com diferentes tipos de sotaques). Logicamente, também existe a possibilidade de serem realizados estudos de caso, em que dados são coletados de poucos participantes (em geral um ou dois).

Como pesquisador interessado em investigar a inteligibilidade, agora você possui algumas orientações sobre a definição do construto, o conhecimento sobre algumas das principais variáveis e sugestões de um passo a passo de planejamento de experimento. A partir disso, na próxima seção, você encontra algumas possibilidades de análise dos dados coletados e de reflexão sobre eles.

4. PODERIA ME DAR UM PASSO A PASSO DE ANÁLISE?

De posse dos dados, o pesquisador possui algumas alternativas com relação à análise dos resultados do estudo. Em geral, as pesquisas se dividem em possibilidades de coleta de dados do tipo transversal (um ponto no tempo) e longitudinal (diversos pontos ao longo do tempo). Por uma delimitação de espaço, nossa intenção é mostrar exemplos de análises feitas a partir de um estudo transversal, por serem mais frequentes na área. No entanto, outros tipos de investigações podem ser conduzidos, como pesquisas longitudinais ou, dentro dos tipos de estudo transversal ou longitudinal, o pesquisador pode optar por analisar grupos ou participantes isolados, denominados pela literatura como estudos de caso. Ao final da seção,

mencionaremos algumas das implicações que essas outras formas de investigação podem ter para o entendimento da inteligibilidade.

Um dos cenários possíveis é que o pesquisador tenha optado por elaborar uma tarefa de inteligibilidade mais tradicional¹² (cujo resultado é a transcrição ortográfica dos dados ouvidos) e escolhido coletar os dados manualmente, de modo que os ouvintes tenham realizado anotações manuscritas sobre os áudios. Nesse caso, sugerimos que os resultados sejam transpostos em uma planilha para melhor visualização e descrição do pesquisador.

No entanto, se a coleta foi realizada em algum *software* como o AEPI, os dados serão automaticamente exportados para uma planilha. Ao organizar os dados dessa forma, é possível separar as anotações dos ouvintes para cada falante ou grupo de falantes (uma vez que o estudo tenha investigado falantes de diferentes L1s, por exemplo). Uma das vantagens em se utilizar a extração automática via *software* é a possibilidade de trabalhar com medidas complementares, como o tempo de resposta (tempo medido entre o final do estímulo produzido pelo falante e o início de transcrição pelo ouvinte). A medida de tempo pode ser uma importante aliada para analisar processos cognitivos (de atenção, processamento e/ou memória) associados às produções linguísticas.

Após a tabulação em uma planilha, o pesquisador pode começar a avaliar seus dados a partir de uma análise descritiva, observando semelhanças e diferenças entre as respostas. Para tanto, precisamos decidir como iremos contabilizar as respostas, se em ‘certas’, ‘erradas’ (em relação à produção esperada da palavra) ou até em categorias intermediárias. Para realizar essa categorização, geralmente são definidos alguns parâmetros do que se considera ade-

12 Para formas de coleta de dados alternativas, via repetição oral, ver Albuquerque (2019) e Albuquerque e Alves (2020).

quado, ou o esperado. Por exemplo, se você espera que uma palavra tenha sido transcrita de um determinado jeito, mas houve erro de grafia, será considerada correta a resposta de seu participante? A resposta é: depende... se você percebeu que o erro foi realmente de grafia, pode considerar a resposta correta, desde que essa resposta não gere dúvida (outra palavra).

Nos estudos em inteligibilidade de fala, é comum que a contabilização de ‘acertos’ e ‘erros’ seja exposta a partir de valores percentuais. Para que tal valor seja calculado, podemos realizar uma conta simples que revela a quantidade de ‘acertos’ e ‘erros’. No entanto, há também a possibilidade de que o pesquisador queira realizar uma investigação mais aprofundada e, nesse caso, a pesquisa pode passar por uma análise estatística adequada, analisando o comportamento de diferentes grupos de falantes e ouvintes e/ou de participantes em específico.

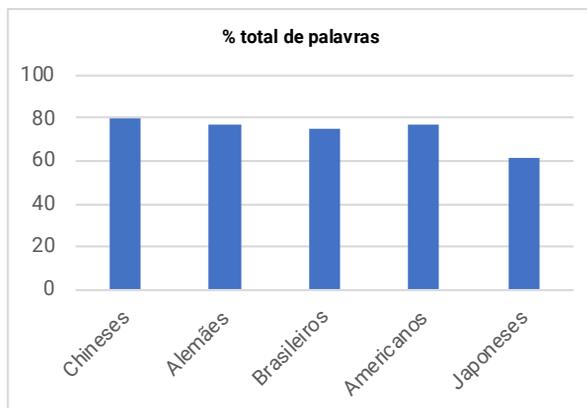
Algo importante a ser considerado, também, é a possibilidade de se olhar para aspectos de ‘inteligibilidade global’ e/ou ‘inteligibilidade local’. Por inteligibilidade local, entendemos o reconhecimento feito pelo ouvinte de sons ou palavras em relação a excertos de fala maiores. Já a inteligibilidade global diz respeito à compreensão de unidades de significado maiores, que incluem uma maior quantidade e qualidade de informação contextual. Por exemplo, quando um ouvinte brasileiro escuta uma frase em inglês como ‘*five thick slabs of blue cheese*’ e há dificuldade de entendimento em alguma palavra ou som, temos, nesse cenário, problemas de ‘inteligibilidade local’. Nesse caso, seria possível que você selecionasse uma questão segmental (como a fricativa interdental vozeada e/ou não vozeada, correspondente aos grafemas <th> do inglês) ou suprasegmental (analisando as diferenças de padrões acentuais na palavra ou enunciado, como na palavra ‘*elevator*’, do inglês e ‘elevador’, do português brasileiro) e observasse os pontos em que a falta de ‘inteligibilidade

local' parece causar problemas de comunicação. No entanto, muitas vezes a pesquisa não possui, necessariamente, parâmetros específicos a serem analisados. Nesse sentido, olhar para a inteligibilidade em unidades maiores de sentido pode se apresentar como uma boa opção para o pesquisador.

Uma vez que o pesquisador tenha tabulado, escolhido o modo de categorização e contabilizado os dados, análises mais específicas podem ser conduzidas. A depender de como foi planejada a composição do seu grupo de participantes (falantes e ouvintes) no seu estudo transversal, é possível que pelo menos dois tipos de análises sejam feitas: a) intragrupo, a qual compara as respostas providas por ouvintes de um mesmo grupo; e b) intergrupo, que possibilita a comparação dos resultados entre grupos diferentes.

Um exemplo de análise intragrupo seria você determinar em um estudo específico de inteligibilidade de inglês sob o paradigma de língua franca que os ouvintes são brasileiros e os falantes são também brasileiros (ver Becker & Rossini 2017). Outra possibilidade seria delinear um estudo com ouvintes brasileiros e falantes de diversas L1s, o que configuraria uma análise intergrupo (ver Becker 2013). A Figura 1 mostra exemplos de dados dessas duas pesquisas, adaptados para a discussão deste capítulo.

FIGURA 1: Resultados da tarefa de inteligibilidade para todos os grupos de falantes e os ouvintes brasileiros.



Fonte: Adaptado de Becker e Rossini (2017).

A análise intragrupos, de ouvintes brasileiros e falantes brasileiros, revelaria um índice de inteligibilidade de 74,8%. Agora, partindo de um olhar intergrupo, observamos, por exemplo, que os falantes japoneses tiveram baixos índices de inteligibilidade para os ouvintes brasileiros comparativamente aos demais grupos de americanos, alemães, chineses e brasileiros.

Na análise de dados, é também aconselhável levar em consideração a natureza das palavras: i) de conteúdo, também chamadas lexicais, como substantivos, verbos e adjetivos; ou ii) funcionais, aquelas que unem as lexicais, como pronomes, artigos e interjeições. A definição de inteligibilidade local ou global passaria pela análise de inteligibilidade de palavras de conteúdo ou funcionais. Os resultados poderão trazer excelentes indicações em se há ou não relevância de determinado parâmetro em relação à inteligibilidade, de como proceder ao seu ensino, além de contribuir para o volume de pesquisas da área.

Complementarmente, conforme mencionamos no início desta seção, é possível que se realizem estudos com participantes específicos: os chamados estudos de caso. Nesse sentido, é possível que um “olhar de lupa” seja aplicado ao comportamento de determinados participantes em relação às produções dos falantes. O ganho desse tipo de análise é evidenciar que, apesar de termos um percentual de acerto geral para a maioria dos participantes, alguns podem apresentar outros padrões de avaliação (por conta do histórico de experiências vividas pelo indivíduo ou outros aspectos mencionados nas seções 2 e 3 deste capítulo). Nessa mesma direção, estudos longitudinais, que investigarão a mudança de padrões ao longo do tempo (por exemplo, no período de meses ou até anos), podem trazer importantes implicações para os estudos em inteligibilidade. Esse tipo de pesquisa possui a vantagem de entender que um construto pode sofrer alterações a depender de outras mudanças ocorridas nas vidas dos participantes (falantes e ouvintes). Uma desvantagem é a necessidade de manutenção dos participantes durante os diversos momentos de coleta de dados.

Nesta seção, apresentamos uma possibilidade de passo a passo de análise para os estudos de inteligibilidade de fala estrangeira. Entendemos que vários são os caminhos, mas esperamos que, a partir das orientações discutidas, o pesquisador possa realizar escolhas metodológicas mais bem embasadas. Na sequência, apontamos outros exemplos de análise e textos que podem ampliar sua visão sobre o construto de inteligibilidade.

5. ONDE EU PODERIA ENCONTRAR MAIS EXEMPLOS DE ANÁLISE?

Para trabalhos que ofereçam modelos de testagem de inteligibilidade, recomendamos os trabalhos de Becker e Rossini (2017), Silveira e Cristóforo-Silva (2018) e Albuquerque e Alves (2020).

O estudo de Becker e Rossini (2017) se organiza em continuidade à pesquisa conduzida por Becker (2013), a qual investigou a inteligibilidade de língua inglesa com falantes de diversas línguas maternas. No estudo de 2017, as autoras olham para a inteligibilidade da língua inglesa a partir de enunciados produzidos por informantes brasileiros e avaliada também por ouvintes brasileiros. Os ouvintes do estudo foram convidados a realizarem três tarefas: a) analisar os áudios, sem pausas, e indicar em uma escala o quanto haviam compreendido dos excertos; b) analisar novamente os enunciados, com a possibilidade de pausar; c) escutar os enunciados uma última vez, sem pausas, e indicar os itens que causaram maior dificuldade na compreensão. Entre os resultados, as autoras apontam uma média de 75% de inteligibilidade nos sotaques, valor bastante próximo do obtido pelos ouvintes brasileiros com falantes de línguas diversas em Becker (2013). O artigo apresenta-se como uma interessante contribuição em três aspectos: i) trabalha com um *corpus* pronto e conhecido, o *Speech Accent Archive*; ii) adota uma testagem clássica (na qual o falante transcreve um excerto do texto padrão); iii) traz dados de brasileiros, falando inglês, sendo avaliados por brasileiros.

Outro trabalho de peso é a contribuição de Silveira e Cristóforo-Silva (2018). As autoras trazem um exemplo de teste de inteligibilidade contendo, além da testagem clássica, uma opção para que o ouvinte possa emitir suas impressões sobre o tipo de dificuldade percebida nos enunciados. A pesquisa também olha para as possíveis relações entre variáveis como o tipo de modificação nos sons

transcritos e o perfil dos ouvintes, familiaridade com L1 dos locutores, e tempo de residência no país dos locutores. Além das questões metodológicas, o estudo se apresenta como uma importante reflexão para que se (re)pensem as implicações pedagógicas de o aluno ser apresentado a diferentes variedades da língua-alvo na sala de aula, aumentando o contato e a familiaridade dos aprendizes com diferentes tipos de sotaques.

O trabalho de Albuquerque e Alves (2020) discute os dados da Tese de Doutorado de Albuquerque (2019). Trata-se de um dos poucos estudos com a inteligibilidade do Português como L2. Partindo de uma visão de Língua como Sistema Dinâmico Complexo¹³, os autores propõem apresentar os resultados de um estudo longitudinal (com 12 pontos de coleta no tempo) com dados produzidos por dois falantes haitianos (com diferentes tempos de residência no Brasil e níveis de proficiência no português) e dois ouvintes brasileiros (com diferentes experiências em outras línguas não nativas e graus de contato com estrangeiros, aprendizes de Português como L2). Diferentemente dos estudos já apresentados, a tarefa de inteligibilidade não consistia na transcrição ortográfica dos enunciados produzidos pelos aprendizes haitianos e ouvidos pelos ouvintes brasileiros, mas numa tarefa de repetição oral de palavras. Entre os resultados, as análises revelaram picos significativos de aprendizagem para duas das quatro possíveis combinações entre falantes e ouvintes. Essa leitura apresenta uma visão dinâmica para o construto de inteligibilidade e implicações para o processo de desenvolvimento linguístico do português como língua não nativa.

13 Para uma leitura mais aprofundada na Teoria de Sistemas Dinâmicos Complexos, conferir referências escritas na língua inglesa, tais como Verspoor, De Bot e Lowie (2011), Larsen-Freeman (2015) e De Bot (2017), e bibliografia em português brasileiro, apresentada em Albuquerque (2019).

6. O QUE EU PODERIA LER PARA ENTENDER MAIS?

São muitas as leituras que poderiam ser elencadas no rol de trabalhos importantes em inteligibilidade. Optamos por listar, aqui, outros trabalhos seminiais na área, e estudos que trazem e/ou representam um panorama de pesquisas em inteligibilidade no Brasil.

Munro e Derwing (2015) é uma leitura essencial para quem quer realizar suas primeiras pesquisas pelos estudos de inteligibilidade. Em seu artigo, os autores analisam o *status* da pronúncia nos estudos de aquisição ao longo dos anos, reforçando a necessidade de olharmos para o construto de inteligibilidade como uma lente para se analisar o desenvolvimento linguístico de línguas adicionais. Além da definição e do modo de quantificar a inteligibilidade, o artigo também traz definições e modos de mensuração dos construtos de compreensibilidade e sotaque estrangeiro. Trata-se de uma contribuição teórico-prática de peso na área, a qual mostra as relações entre as pesquisas em desenvolvimento linguístico e as implicações para o ensino de pronúncia de línguas adicionais.

O estudo de Gonçalves e Silveira (2015) é indicado para os que desejam obter um breve panorama de pesquisas realizadas no Brasil acerca de processos de inteligibilidade de brasileiros no desenvolvimento linguístico da língua inglesa. Os estudos analisados no artigo trazem distintas contribuições acerca de variáveis que influenciam a inteligibilidade, a saber: falante, ouvinte, natureza linguística (proficiência na língua estrangeira, familiaridade com o sotaque e frequência lexical). Recomendamos a leitura do artigo aos que querem ter um panorama crítico da pesquisa em inteligibilidade no Brasil.

Outra leitura que elencamos é a de Cruz e Santos (2013). A indicação de leitura procura conectar o leitor às implicações do estudo do construto de inteligibilidade em relação à construção

de sua identidade como falante de uma L2. As autoras propõem investigar crenças de ensino de pronúncia em relação à inteligibilidade de professores de inglês. O estudo se debruça sobre a investigação de crenças de uma professora de inglês sobre sua própria pronúncia em três momentos distintos: professora em formação inicial, após retornar de uma viagem ao exterior e como professora em serviço. O artigo atua em nossa seleção de recomendações com dupla função: traz o questionamento da identidade do falante estrangeiro (a partir dos pares falante nativo e não nativo) e reforça as vantagens em um processo de ensino-aprendizagem com foco na inteligibilidade.

Esperamos que, com base nas discussões acerca das definições e orientações metodológicas aqui apresentadas, assim como nas leituras sugeridas, os pesquisadores interessados possam ter uma visão mais clara sobre o construto de inteligibilidade. Dada a sua complexidade, procuramos mostrar alguns caminhos para estudos futuros, desejando que as contribuições das pesquisas possam também auxiliar no processo de ensino/aprendizagem de L2.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. Teaching pronunciation. *English Language Teaching*, v. 3, p. 113-122, 1949.

ALBUQUERQUE, J. I. A. *Caminhos Dinâmicos em Inteligibilidade e Compreensibilidade de Línguas Adicionais: um estudo longitudinal com dados de fala de Haitianos aprendizes de Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

ALBUQUERQUE, J. I. A.; ALVES, U. K. Uma visão dinâmica sobre a inteligibilidade de fala: um estudo longitudinal com haitianos e brasileiros. *Entrepalavras*, v. 10, n. 1, p. 210-231, 2020. DOI: 10.22168/2237-6321-11762.

BECKER, M. R. *Inteligibilidade da língua inglesa sob o paradigma de língua franca: percepção de discurso de diferentes L1s por brasileiros*. Tese (Doutorado em Letras). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013.

BECKER, M. R.; KLUGE, D. C. Frequência de Uso de Item e Inteligibilidade do Inglês como Língua Franca. *Organon*, v. 30, n. 58, p. 153-173, 2015.

BECKER, M. R.; ROSSINI, C. L. Inteligibilidade de língua inglesa sob o paradigma de língua franca: percepção de enunciados de brasileiros por brasileiros. *Nortea@mentos*, v. 10, p. 169-185, 2017.

BENT, T.; BRADLOW, A. N. The interlanguage speech intelligibility benefit. *Journal of the Acoustical Society of America*, v. 114, n. 3, p. 1600-1610, 2003.

BERNS, M. World Englishes, English as a lingua franca, and Intelligibility. *World Englishes*, v. 27, n. 3/4, p. 327-334, 2008.

BNC – *British National Corpus*. Disponível em: <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>. Acesso em: 15 ago.2020.

BONDARUK, P.; ALBUQUERQUE, J.; ALVES, U. K. *AEPI - Aplicativo para Estudos de Percepção e Inteligibilidade*. Versão 0.01, 2018. Disponível em: aepi.e-pi.co. Acesso em 24.ago.2020.

BYBEE, J. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: OUP, 2007.

COCA – *The Corpus of Contemporary American English*. Disponível em <http://www.wordfrequency.info/>. Acesso em 13.ago.2020.

COMET-USP – *Corpus multilíngue para ensino e tradução*. Disponível em <http://comet.fflch.usp.br/corporaportugues>. Acesso em 28.ago.2020.

CRUZ, N. C. Terminologies and definitions in the use of intelligibility: state-of-the-art. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 1, p. 149-159, 2007.

CRUZ, N. C.; SANTOS, S. M. S. Mudança de crenças: um estudo de caso sobre a pronúncia do inglês. *Contexturas*, v. 21, p. 132-144, 2013.

DE BOT, K. Complexity Theory and Dynamic Systems Theory: same or different? In: ORTEGA, Lourdes; HAN, ZhaoHong (eds.). *Complexity Theory and Language Development: in celebration of Diane Larsen-Freeman*. Amsterdam: John Benjamins Publishers, 2017, p. 51-58.

DERWING, T. M.; MUNRO, M. J.; THOMSON, R.; ROSSITER, M. The relationship between L1 fluency and L2 fluency development. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 31, n. 4, p. 533-557, 2009.

GONÇALVES, A. E.; SILVEIRA, R. Intelligibility research in Brazil: empirical findings and methodological issues. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 14, p. 51-81, 2015.

IDEA – *International Dialects of English Archive*. Disponível em <https://www.dialectsarchive.com/>. Acesso em 13.ago.2020.

JURAFSKY, D. Probabilistic Modeling in Psycholinguistics: Linguistic Comprehension and Production. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (Ed.). *Probabilistic Linguistics*. Cambridge, USA: MIT Press, 2003, p. 39-95.

KENWORTHY, J. *Teaching English Pronunciation*. Harlow, Essex: Longman, 1987.

LARSEN-FREEMAN, D. Ten Lessons from Dynamic Systems Theory: what is on offer. In: DÖRNYEI, Z.; MaCINTYRE, P. D.; HENRY, A. (Eds.). *Motivational Dynamics in Language Learning*. Bristol: Multilingual Matters, 2015, p. 11-19.

MUNRO, M. J.; DERWING, T. M. A prospectus for pronunciation research in the 21st century: A point of view. *Journal of Second Language Pronunciation*, v. 1, n.1, p. 11-42, 2015.

PISKE, T.; FLEGE, J. E.; MACKAY, I. R. A. Factors Affecting Degree of Global Foreign Accent in an L2. In: JAMES, A.; LEATHER, J. (Eds.) *Proceedings of the Fourth International Symposium on the Acquisition of Second-Language Speech – New Sounds*. Klagenfurt, 2000, p. 290-305.

SCHWARTZHAUPT, B. M. *Testing intelligibility in English: the effects of Positive VOT and contextual information in a sentence transcription task*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SILVEIRA, R.; CRISTÓFARO-SILVA, T. L2 Speech Intelligibility: Effects of coda modification, degree of semantic information and listeners' background. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 18, p. 639-664, 2018.

SUITCASE STORIES. Disponível em <https://suitcasestories.org/>. Acesso em: 14.ago.2020.

VERSPoor, M.; DE BOT, K.; LOWIE, W. *A Dynamic Approach to Second Language Development: Methods and Techniques*. 29. ed. Amsterdam: John Benjamins Publishers, 2011.

WEINBERGER, S. *Speech Accent Archive*. George Mason University. 2015. Disponível em: <http://accent.gmu.edu>. Acesso em: 15. ago.2020.

ORGANIZAÇÃO

Felipe Flores Kupske

Ubiratã Kickhöfel Alves

Ronaldo Lima Jr.

REVISÃO

Letícia Pereyron

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Investigando os sons de línguas não nativas [livro eletrônico] :
uma introdução / Felipe Flores Kupske, Ubiratã Kickhöfel Alves,
Ronaldo Lima Jr. (org.). -- Campinas, SP : Editora da Abralin,
2021. -- (Linguística em ação)
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-11-7

1. Aquisição de linguagem 2. Fala 3. Fonética 4. Fonologia
5. Linguagem e línguas 6. Linguagem e línguas - Estudo e ensino
7. Linguística I. Kupske, Felipe Flores. II. Alves, Ubiratã Kickhöfel.
III. Lima Júnior, Ronaldo. IV. Série.

21-81238

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990117